

Lyra faz acordo político com Brizola para a Constituinte

por Walter Diogo
do Rio

O ministro da Justiça, Fernando Lyra, e o governador, Leonel Brizola, acertaram ontem, no Rio, um acordo político para juntar seus esforços no sentido de unir "todas as forças progressistas e de esquerda em torno de um programa comum para as eleições constituintes". O encontro dos dois líderes políticos foi na casa do governador Brizola, na avenida Atlântica, em Copacabana, e demorou pouco mais de três horas. Agora, o próximo passo de Fernando Lyra é um encontro com Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do PT, em fevereiro.

O acordo Brizola-Lyra não significa a adesão do ministro ao PDT. O ministro diz que continua no PMDB e que busca com esse acordo fazer convergir as forças progressistas e de esquerda para um programa comum, sintonizado com as aspirações populares. Ele disse que representa os grupos de esquerda mais representativos dentro do PMDB, que querem o partido defendendo posições progressistas e sem vínculos conservadores.

"O que fez o PMDB chegar ao poder é a sua posição de vanguarda. As últimas eleições mostraram claramente que o PMDB não se pode desviar dessa linha.



Fernando Lyra

acordo firmado com Brizola.

No encontro Brizola e Lyra, não se definiu o que seria o programa comum a ser traçado pelas "forças progressistas." O governador Leonel Brizola disse que esse programa comum virá através das negociações com os demais partidos de centro-esquerda.

Para Brizola, as forças conservadoras estão-se unindo novamente para impedir o processo de mudanças no País e que o povo brasileiro vote livremente, o que justifica esse acordo com Lyra. O governador acha também que esse acordo não implicará transferência de políticos com mandatos ou de candidatos do PMDB para o PDT.

"Os entendimentos têm um sentido muito mais amplo. Vamos tentar unir as forças progressistas nacionalmente. No Rio, elas já estão unidas em torno do PDT. Existem, obviamente, várias correntes ainda correndo paralelamente. Mas há uma espinha dorsal, que é o PDT. No País, o PMDB uniu durante muito tempo, mas se está transformando em partido de conservadores, vinculados à antiga Arena, ao antigo PDS e à Velha República", concluiu.

Novas divergências entre os pemedebistas

por Carlo Iberê de Freitas
de Brasília

A aproximação entre PMDB e PDT num primeiro momento já manifesta duas vertentes: a primeira é a retomada da linha de centro-esquerda pelo PMDB; e uma segunda é o aparecimento de novas fissuras entre moderados e autênticos pemedebistas. Os moderados, como o deputado Oswaldo Lima Filho (PE), acham a proposta do ministro Fernando Lyra, de se aproximar do governador Leonel Brizola, "folclórica". Já o deputado José Maria Magalhães (MG) defende para os descontentes a possibilidade de trocarem de partido.

José Maria Magalhães acha que o PMDB se afastou do seu programa "para consolidar o processo de transição", mas que "tem de voltar ao seu perfil de socialista autêntico ajustado ao que pregou em praça pública". O deputado defende como válida toda a conversa com setores progressistas e lembra que o PMDB abriga em suas fileiras várias correntes ideológicas. Magalhães espera que "em 1986 o PMDB seja um partido com perfil definido e aqueles que não estão no prisma de centro-esquerda devem procurar outro partido".

Já o "moderado" Oswaldo Lima Filho acha que "não é nada disso". A proposta do ministro Fernando Lyra, para ele, "é um projeto da feira de Carua-

ru, é um projeto folclórico, e o ministro aparece como porta-voz da esquerda festiva". O deputado disse não entender o ministro: "Uma hora, ele está na direita, como em Pernambuco, colocando-se contra a candidatura Miguel Arraes (para o governo do estado); num outro momento, como agora, fica com a esquerda". Para o deputado, a aproximação com o PDT não serve porque "eles (PDT), estão pensando só na candidatura do governador Leonel Brizola" para a Presidência da República. Com o partido de Luiz Inácio Lula da Silva também não, porque "o programa do PT só tem condições de ser aplicado no ano 2000".

Outro deputado, Paulo Mincarone (RS), também não quer aproximação com o PT — porque "defende a luta armada" —, mas com o PDT acha útil, principalmente porque o governo do presidente Sarney precisa cada vez mais fortalecer-se e o diálogo com o governador Leonel Brizola "pode ajudar muito".

A preocupação com o "imobilismo e com um retrocesso de direita, hoje bem instrumentada no País", na opinião do deputado Paes de Andrade (CE), é o que está motivando o ministro da Justiça. Para o deputado, Fernando Lyra e "toda a esquerda progressista" precisam formar um projeto "que não permita à direita elaborar uma Constituinte que a Nação não quer".

"PT não faz aliança"

por Célia Rosemblum
de São Paulo

"O PT não faz aliança eleitoral", afirmou Jacó Bittar, da executiva nacional do partido. "O PT tem sua proposta política e caminha tranquilamente para as próximas eleições", declarou. Segundo Bittar, não há sentido em propor uma união das esquerdas se elas estão localizadas em diferentes partidos. Ele acredita que o programa do PT tem condições de abarcar a esquerda em uma só agremiação.

Bittar admite uma articulação de forças progressistas apenas para o enfren-

tamento de "questões concretas". Um exemplo seria a união do PT com setores do PMDB e PDT em uma campanha para eleições presidenciais ainda em 1986.

As alianças eleitorais são consideradas transitórias. Bittar, afirmou que o PT defenderá seu programa junto com as massas, sem recuos causados pelo temor do "fantasma do retrocesso". Para Bittar a união das esquerdas não se concretiza em acordos de cúpula. Ele prega a construção de um único partido que una essas forças. "Com sua proposta, o PT tem condições para isso."